



O ANJO AZUL

The Blue Angel

Sofia Porto Bauchwitz⁵

Rudá Almeida⁶

Resumo:

O artigo explora a trajetória da estátua *Anjo Azul* na cidade de Natal (RN) e os significados políticos, sociais e poéticos que emergem de sua transformação de obra de arte à ruína. Inicialmente criada pelo artista Jordão para uma galeria local, a escultura acaba abandonada e destruída com o fechamento do espaço e torna-se uma ruína em praça pública durante quase uma década, sendo reinterpretada, desde então, como um monumento socialmente construído que reflete as tensões entre espaço público, memória e intervenção artística.

Palavras-chave: ruína; espaço público; *non-site*; memória urbana; intervenção artística.

Abstract:

The article explores the trajectory of the Anjo Azul statue in the city of Natal (RN) and the political, social and poetic meanings that emerge from its transformation from a work of art to a ruin. Initially created by the artist Jordão for a local gallery, the sculpture ended up abandoned and destroyed with the closure of the space and became a ruin in a public square for almost a decade, being reinterpreted, since then, as a socially constructed monument that reflects the tensions between public space, memory and artistic intervention.

Keywords: ruin; public space; non-site; urban memory; artistic intervention.

⁵ Artista e pesquisadora, sua tese *El artista errante y el discurso como cartografía* (2017, UCM/CAPES) gira em torno de problemáticas do discurso artístico e a não-identidade nas práticas artísticas contemporâneas. É professora do DAV/UFPB. Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0877272376067213>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1629-7799>; E-mail: sofabauchwitz@gmail.com.

⁶ Graduado em Comunicação Social pela UFRN. Pesquisador independente. Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5294903702942444>; E-mail: ruda.macedo@gmail.com.



O Anjo Azul

Este artigo pretende pensar questões relacionadas ao espaço público, à arte que se instala nesse espaço e às dinâmicas imprevistas que se criam a partir de sua instalação, proposital ou não. Um caso específico nos guia, é a trajetória da estátua de nome *Anjo Azul* na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte. Iniciando com a análise da sua trajetória a partir da sua encomenda para uma galeria comercial local até seu despedaçamento e disposição em uma pequena praça de bairro, pretende-se abrir um lugar de debate para pensar a autonomia e persistência da ruína no contexto urbano e o desdobramento poético que se produz de sua observação.

Também a noção de fracasso ajuda a entender sua passagem pela cidade, uma vez que a falta de agência da escultura, somada aos tímidos desejos humanos, ocasionou que a obra se tornasse peça móvel na geografia urbana, concluindo em sua fragmentação proposital e paulatina destruição no chão de uma praça meio abandonada do bairro do Alagamar. Ainda que se possa pensar que sua existência enquanto ruína tenha sido o começo do seu fim, aqui se defende que foi dessa existência persistente que algo mais duradouro começou a ser desenhado. Foi da ruína que nasceu um sentido.

Entre o ano de 2007 e 2012, funcionou em Natal a *Galeria de Arte Anjo Azul*, de Anchieta Miranda. Localizada na Avenida Hermes da Fonseca n. 953, a propriedade tinha em sua entrada uma escultura de um anjo tocando uma trombeta. A estátua era feita de ferro e concreto, medindo 12 metros de altura e pesando aproximadamente 28 toneladas. Foi uma obra encomendada pelo proprietário ao artista potiguar José Jordão Arimatéia, conhecido como Jordão.

Quando a galeria faliu, em 2012, o terreno foi vendido para dar lugar a outro empreendimento comercial, e embora o novo dono não tenha demonstrado interesse em mantê-la, a escultura foi incluída no contrato. Iniciou-se, desse modo, um processo nebuloso que duraria mais de dois anos para encontrar um



novo sítio para o Anjo⁷. O fato de o galerista não ter arcado com a desmontagem e transporte da obra para junto de seu acervo e tampouco, até onde se sabe, para sua realocação em outro lugar, quando encerrou suas atividades, iniciou uma longa querela simbólica envolvendo o autor da obra, a Prefeitura da cidade e alguns interessados em manter o anjo de pé. Diante do que devia e podia ter sido feito, mas que não ocorreu, um jogo de desejos e tomadas de decisão envolveu o anjo azul em uma nova aura.

Das reportagens da época, apura-se que após 2 anos suspenso nesse estado, o anjo finalmente foi transportado para uma pequena praça do conjunto Alagamar, no bairro de Ponta Negra. Um pequeno grupo de moradores do bairro teria decidido em assembleia comunitária que o anjo deveria ser incorporado à praça que levava o nome de Omar O’Grady, um político higienista da cidade. Prefeito de Natal durante os anos de 1924 a 1930, O’Grady foi defensor da “limpeza social”, sempre prezando pela eliminação da pobreza visível, simbolizada pelos mendigos, e a limpeza urbana, de modo a tornar a cidade “limpa” e bela⁸.

Das entrevistas com os líderes desse movimento comunitário vicinal, percebe-se que havia interesse em renovar a vida da praça com uma obra de arte, tornando-a um “ponto turístico”, com outros funcionamentos. Como Suzanne Lacy aponta em *Mapping the terrain: new genre public art* (1995), há sempre um ímpeto capitalista em torno das obras de arte tridimensional, um processo de capitalização do espaço urbano que acaba na gentrificação dos bairros,

⁷ Para mais informações acessar: <https://www.natal.rn.gov.br/news/post2/9494>, <https://potiguarte.blogspot.com/2012/02/um-anjo-para-ser-adotado.html>.

⁸ Omar O’Grady foi um político e urbanista potiguar. Em 1924 foi nomeado intendente de Natal. Durante sua administração, até o ano de 1930, foi responsável por obras de modernização da cidade, como a instalação de fossas sépticas e a expansão da iluminação pública. Foi em sua gestão que se deu a contratação do arquiteto italiano Giacomo Palumbo para elaborar o Plano Geral de Sistematização de Natal, o “Plano Palumbo”, que visava reorganizar a cidade, especialmente áreas como o bairro da Ribeira. Para mais informações acessar: Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho, *Entre o rio e o mar; Rocas: de bairro sinônimo de inferno a bairro da tradição e da cultura popular (1900-1950)*.



reforçando um discurso interesseiro que defende que a arte pública pode “humanizar” a cidade.

Sobre esse novo lugar, Jordão teria dito não considerar a pracinha a melhor opção para a obra, mas que era “melhor ir pra lá do que ser detonado. (...) Minha causa é salvar o Anjo Azul, e acredito que vão cuidar bem dele.” (Jordão, 2012). Seu discurso enfatizava a necessidade de encontrar um lugar afastado da praia, pois “com a maresia, a escultura não vai durar mais de 30 anos, no máximo 50 anos. É pouco, quero que ela dure pra sempre!” (Jordão, 2012).

O desejo e os esforços do artista e do grupo de moradores do Conjunto Alagamar foram, aos poucos, ganhando contornos trágicos e irônicos. A escultura, desmontada para seu transporte, teve suas peças espalhadas aleatoriamente pelo chão da praça. O Anjo foi, literalmente, esquartejado. Os pedaços permaneceram ali, abandonados, se degradando com o tempo, por quase uma década, à espera de alvarás, licenças e laudos técnicos exigidos pela prefeitura da cidade.

Há diversos outros casos de obras e patrimônios materiais da cidade de Natal que foram destruídos, seja por desejo ou por descaso, nos últimos anos. O mais emblemático deles talvez seja o da demolição do Hotel Reis Magos, edifício icônico de estilo modernista localizado por muitos anos na Avenida Café Filho, em frente à Praia do Meio. O hotel abrigou hóspedes célebres e foi sede de eventos nacionais e internacionais, se tornando cartão-postal da cidade. Construído por iniciativa pública, representava o crescimento e a modernização da cidade na década de 60. Alguns anos após ser concedido à iniciativa privada, foi fechado em 1995, permanecendo assim até 2020, ano de sua derrubada. A destruição deste ícone da arquitetura moderna natalense gerou grande debate e comoção na população local, mas, o Hotel acabou sucumbindo às especulações e interesses empresariais.



Ao recontar esse caso, e pensar no *Anjo Azul* de Jordão, algumas questões surgem: O que a história de uma escultura abandonada em uma praça tem a nos contar sobre a cidade e sobre nós mesmos? Existem antecedentes similares na História de Arte de obras que foram abandonadas ou destruídas pelos seus donos?

Um caso célebre nos debates sobre arte pública nos vem à mente: a obra *Arco Inclinado* do artista Richard Serra, que ficou afixada em meio à *Foley Federal Plaza*, em Manhattan, de 1981 a 1989. Conhecido pelos trabalhos escultóricos que buscam a horizontalidade, muitas de suas obras pedem do espectador uma coexistência; algumas impõem a interação a partir de uma escala monumental que deixa pouca saída aos transeuntes. *Arco Inclinado* tinha aproximadamente 3,6 metros de altura e traçava um arco levemente inclinado ao longo de 36 metros de comprimento. Era uma parede de aço que recortava a paisagem urbana, era um limite. Modificava a praça e o trânsito, exigindo dos corpos outros movimentos. Mas era um limite transponível, apesar de monumental.

A obra havia sido comissionada pela *Administração de Serviços Gerais* (*GSA*) para ser instalada permanentemente na área externa dos prédios governamentais, na *Federal Plaza* de Nova York, mas, desde o começo, enfrentou o repúdio do público, que acabou conseguindo, após anos de tentativas, a retirada da obra da praça. O que poderia ter sido apenas a realocação da obra, foi, para o *Arco Inclinado*, o seu fim. Serra defendeu que a obra havia sido pensada e criada para existir junto àquela praça, cujas dinâmicas deveriam completar seu sentido. Tornava-se impossível, para o artista, aceitar a sua retirada e disposição em outro lugar. Mover o *Arco* implicava a sua destruição, pois fora concebido como um *site-specific*. Sobre isso, Richard Serra disse:

O governo dos Estados Unidos destruiu o Arco Inclinado em 15 de março de 1989. Exercendo os direitos de proprietários, autoridades da



Administração de Serviços Gerais (GSA) ordenaram a destruição da escultura pública que a própria agência financiou dez anos antes. A profanação derradeira seguida de cinco anos de más interpretações, falsas promessas, julgamentos abertos à mídia e as decepções dentro dos tribunais que ao final não só permitiram ao governo destruir Arco Inclinado como também estabeleceram um precedente para a prioridade do direito à propriedade sobre a liberdade de expressão e os direitos morais dos artistas. (...) Numa sinistra sessão que durou toda a noite de 15 de março, equipes de trabalho especiais se esforçaram para desmontar Arco Inclinado, brutalmente serrando e torcendo a peça. Finalmente, por volta das quatro e meia da manhã, a obra foi reduzida a matéria-prima, para ser transportada e armazenada numa garagem no Brooklyn, repetidamente aguardando recolocação. (...) No entanto, Arco Inclinado foi criado para um lugar e um único lugar. Eu deixei isto claro desde o início. (...) Eu quero deixar perfeitamente claro que Arco Inclinado foi financiado e projetado para um lugar particular: a Federal Plaza. É um trabalho para um lugar específico e como tal não deve ser realocado. Remover o trabalho é destruir o trabalho. Isto foi concluído. Arco Inclinado está destruído (Serra *apud* Weyergraf-Serra; Buskirk, p. 3-4.).

Esse jogo jurídico entre proprietários e artistas é bastante comum, é justamente o que parece ter acontecido com o *Anjo Azul*. Mas em nosso caso, o Anjo nunca havia sido uma obra pública em meio ao espaço público até seu arruinamento e abandono da praça do Alagamar. Jordão, como Serra, também se viu lesado pela derrubada inicial, fruto do desinteresse dos proprietários. Mas, ao contrário do americano, se viu impulsionado a defender a sobrevivência da obra em outra localidade. Esse impulso permitiu que o *Anjo Azul*, que havia sido para muitos cidadãos apenas uma obra decorativa de tom *camp*, se tornasse um *non-site* involuntário.

Da relação entre interno e externo, natureza e cidade, ou centro e periferia, o artista conceitual Robert Smithson, ligado ao movimento *Land Art* dos anos 60, tematizou o conceito de *non-site* como o desdobramento da obra feita para um lugar específico. Os *Non-site* seriam os resíduos e continuações de uma obra *site-specific* que se apresentam no interior de algum espaço consagrado às artes, quase como metáforas dimensionais daquelas obras situadas. O *non-site* está sempre em relação com a concepção, realização e tradução da obra de



site-specific, embora nem sempre se assemelhe a ela. Esse deslocamento metafórico entre lugar e não-lugar pode ter a forma de anotações, fotografias e vídeos, elementos orgânicos e minerais deslocados de seu ambiente natural, desenhos preparatórios e réplicas, entre tantas coisas mais.

O Anjo Caído na praça pode ser entendido, portanto, como um *non-site* do *Anjo Azul* que havia sido encomendado por Anchieta Miranda a Jordão. Ele foi um conjunto de pedaços escultóricos reorganizados no chão de terra vermelha da praça, abrindo novas leituras a cada ano que permaneceu à mercê das decisões humanas. Foi sendo surrupiado da mesma praça aos poucos e se tornou, por fim, uma obra distinta daquela original. É o mesmo processo sofrido pelas estátuas de Lênin, ao fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlin. Elas foram decapitadas, fragmentadas e movidas de lugar. No caso do líder russo, ele sairia do entorno público para ganhar espaço em acervos privados de todos os tamanhos. Movido por esse contexto, se cria o projeto *Looking for Lenin* (2017), do fotógrafo suíço Niels Ackermann, que iniciou uma viagem pela Ucrânia para documentar essas vidas privadas alternativas de 70 estátuas de Lênin. Ele havia notado que após um ataque monumental era costume que as pessoas levassem consigo algum souvenir, fosse uma fotografia, ou um pedaço da estátua. Isso levou Ackermann a procurar esses fragmentos deslocados pelo país, registrando suas novas assemblagens em meio ao cotidiano das pessoas.

Esse movimento de retirada dos fragmentos ocorreu com o Anjo Azul ao longo dos anos, sumindo da praça, primeiro, sua trombeta e, logo, seus pés e pernas. Se isso se deve a uma pulsão estética, fetichista, ou a um interesse financeiro, visando o lucro da venda do ferro de sua estrutura, não se sabe. Não há, como no caso de Ackermann, registros desse espólio - o que planta, ainda, a semente de se iniciar um projeto intitulado *Em Busca do Anjo Azul*. O que sim podemos garantir, por curiosidade, é que a cabeça do anjo com seus grandes olhos abertos continuou observando o entorno da praça até o último momento.



Figura 1 - Postal Monumento ao Futuro



Monumento ao Futuro . Lembrança do Anjo Caído . Natal, RN, Brasil

Fonte: autoria de Sofia Porto Bauchwitz.

A autoria dessa nova obra que era o Anjo Caído, não pode mais ser concedida somente à Jordão, ou aos poucos vizinhos que arquitetaram sua realocação. O Anjo Caído foi uma obra coletiva que envolveu todos os moradores do bairro e, por extensão, da cidade. Podemos seguir ampliando os conceitos de escultura e atribuir a ela, também, a noção de escultura social, termo cunhado pelo artista Joseph Beuys para se referir a certas ações coletivas e colaborativas que visam despertar o potencial da arte como ferramenta de transformação social. O famoso *happening 7000 carvalhos*, de Beuys, realizado em 1982, no qual, de forma coletiva, se plantaram árvores na cidade de Kassel, é um exemplo desse tipo de obra. Esse processo coletivo e relacional pode ser observado ao longo da história da escultura sob diferentes perspectivas, nem sempre tão harmônicas e consensuais, e no caso do Anjo, fica evidente que a



escultura na praça foi uma obra socialmente construída que demonstrou como a não-ação também constrói.

Mapear poeticamente os movimentos de expansão e aproximação em torno e a partir do Anjo parece ser o caminho disponível e escolhido por algumas pessoas para lembrá-lo. Em breve pesquisa na ferramenta *Google Images* também nos deparamos com homenagens e referências à existência do Anjo.

Em 2023, a modelo Jessy Lira, vencedora do concurso Miss International Queen Brasil⁹, vestiu o traje típico de Miss Rio Grande do Norte fazendo referência e homenageando o Anjo Azul. No mesmo ano, Aureliano, escritor e ilustrador potiguar reconhecido no cenário cultural, levou para as páginas do jornal *O Poti* a sua homenagem à obra de Jordão. Sua ilustração do *Anjo Azul* fez parte de uma série onde o artista registra cartões postais da cidade de Natal que não resistiram ao tempo e já não existem mais. “Pensei em fazer uma série de desenhos sobre essa cidade onde temos dificuldade de construir memórias, visto que tudo vai se dissolvendo e virando farmácia.” (Aureliano, 2023). Também no campo da arte-correio, a artista Sofia Bauchwitz, dentro do seu projeto Monumento ao Futuro, de 2018, dedicado ao Anjo Azul, criou uma série de postais propondo a escultura como ponto turístico. Nos dizeres da imagem lê-se: Monumento ao Futuro. Lembrança do Anjo Caído. Natal-RN-Brasil.

Ainda como parte desse projeto, Sofia começou a esboçar uma série de ações performativas e de intervenção urbana (físicas e virtuais). Uma das primeiras ações foi o lançamento de um abaixo-assinado onde publicou carta aberta ao IPHAN e à Fundação Cultural Capitania das Artes, pedindo para que a escultura depositada na Praça O’Grady fosse reconhecida como patrimônio cultural da cidade de Natal e do Brasil, e passasse a ser conhecida como *O Anjo Caído: Monumento ao Futuro*. Incorporando trechos do *Sobre o conceito da*

⁹ Para saber mais acessar:

http://www.instagram.com/missbelezaibrasil/p/C0DiCG5O3iZ/?__d=1%3Futm_source%3Dig_embed



história (2017) de Walter Benjamin ao seu texto polifônico, Bauchwitz anunciava o projeto da seguinte maneira:

Alguns lembrarão dessa escultura da época que adornava uma galeria. Esse passado não é relevante para esta carta, pois a importância histórica e cultural para a sociedade dessa escultura se construiu a partir de sua ruína forçada e consequente abandono. Este anjo caído, não é ele a tal ponto conhecido pelas gentes da cidade que serve como referência espacial e histórica? Não está ele presente nos nossos discursos? Não é ele, simbolicamente, um monumento à cidade, às suas dinâmicas afetivas, às suas políticas? Não é um verdadeiro monumento coletivo, construído pela ação e inércia conjunta de todos os cidadãos? Não é ele um lugar em que o passado, em seu índice misterioso, impele as gentes à redenção? (...) A escultura do anjo despedaçado é símbolo dessa redenção possível e, como lugar de memória efetivo que é, pede de nós que o reconheçamos como um Monumento ao Futuro. (Bauchwitz, 2018)

Como parte desse pedido, a artista inseriu virtualmente a localização da escultura na praça a modo de placa de homenagem. Ao se apropriar da ferramenta do *Google Maps* e modificar o nome da praça de Omar O’Grady para Anjo Caído, a artista criou um espaço de memória virtual e aguardou que alguém desfizesse a troca. Até o dia de hoje para todos que usam ferramentas e apps de localização e navegação, incluindo os aplicativos de transporte, a praça existe sob o nome de Anjo Caído. Agora, no entanto, o Google adicionou um lembrete de *Permanentemente Fechado*. A memória do Anjo segue, assim, pendente de um fio. Está *ainda* e não está para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalcante, Larissa. **Artista potiguar Aureliano Medeiros contribui com ilustrações para O POTI.** O Poti, 5 out. 2023. Disponível em: <https://opoti.com.br/artista-potiguar-aureliano-medeiros-contribui-com-ilustracoes-para-o-poti/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho, ***Entre o rio e o mar, Rocas: de bairro sinônimo de inferno a bairro da tradição e da cultura popular (1900-1950)***



(Tese de Doutorado em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023).

Lacy, Suzanne. **Mapping the Terrain: New Genre Public Art.** Bay Press, 1995.
Miwon, Kwon. **Um lugar após o outro: Anotações sobre site specificity.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – EBA, UFRJ, ano XV, N 17. 2008.

Silva, Yuno. **Um rumo para o anjo azul.** Tribuna do Norte, 12 abr. 2012. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/viver/um-rumo-para-o-anjo-azul/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

Stacke, Sarah. **See the Bizarre Places People Stash Old Lenin Statues: Traveling a total of 6,000 miles across Ukraine, a photographer documented 70 hidden, forgotten and destroyed statues of the first leader of the USSR.** National Geographic, [S. l.], 24 fev. 2017. Disponível em:
<https://www.nationalgeographic.com/photography/article/vladimir-lenin-heads-statue-destroyed-monument-ukraine>. Acesso em: 4 nov. 2024.

Weyergraf-Serra, Clara; Buskirk, Martha; Serra, Richard. **The destruction of Tilted Arc: documents.** October Books. Cambridge, Massachusetts. 1990.